



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
Coordenação do Curso de Letras



**JANAÍNA RODRIGUES DE SOUSA**

**ENTRE MARGENS E SUSSURROS: UMA ANÁLISE DOS ESPAÇOS NA  
OBRA “BEIRA-RIO BEIRA-VIDA”**

PICOS

2025

**JANAÍNA RODRIGUES DE SOUSA**

**ENTRE MARGENS E SUSSURROS: UMA ANÁLISE DOS ESPAÇOS NA  
OBRA “BEIRA-RIO BEIRA-VIDA”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Letras-Português da Universidade Federal do Piauí como um dos requisitos para a obtenção do título de graduação, sob orientação da professora Dr.(a) Cristiane Feitosa Pinheiro.

PICOS

2025

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**S725e**

Sousa, Janaína Rodrigues de.

Entre margens e sussurros: uma análise dos espaços na obra "Beira-rio Beira-vida" / Janaína Rodrigues de Sousa – 2025.  
32 f.

1 Arquivo em PDF.

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo, CSHNB.  
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Curso de Licenciatura em Letras, Picos, 2025.  
"Orientadora: Dr.(a) Cristiane Feitosa Pinheiro".

1. Letras – análise bibliográfica. 2. Espaços narrativos. 3. Francisco de Assis Almeida Brasil. I. Sousa, Janaína Rodrigues de. II. Pinheiro, Cristiane Feitosa. III. Título.

**CDD 869.9**

**Elaborada por Maria Leticia Cristina Alcântara Gomes**  
**Bibliotecária CRB n° 03/1835**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS  
Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032

**ATA DE DEFESA DE ARTIGO DE FINAL DE CURSO**

Às 14h (quatorze horas) do dia dezesseis de janeiro do ano de dois mil e vinte e cinco, na sala 833, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, do *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiane Feitosa Pinheiro, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia sob a forma de artigo, de autoria da aluna **JANAINA RODRIGUES DE SOUSA** do curso de Letras desta Universidade com o título, **ENTRE MARGENS E SUSSURROS: UMA ANÁLISE DOS ESPAÇOS NA OBRA “BEIRA-RIO BEIRA-VIDA”**. A Banca Avaliadora ficou assim constituída: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiane Feitosa Pinheiro (Orientadora – Presidente), Prof. Dr. Welbert Feitosa Pinheiro (Avaliador Interno – 1º examinador), Profa Me Margareth Valdivino da Luz Carvalho (Avaliadora Externa – 2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação da aluna pela Presidente da banca, ocorreu a apresentação do artigo, seguido de questionamentos pelos membros da banca. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, na mesma sala, sem a presença da avalianda e seus convidados. Apuradas as notas, verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral 10,0. E, para constar, eu, Cristiane Feitosa Pinheiro, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 16 de janeiro de 2025.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Cristiane Feitosa Pinheiro

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiane Feitosa Pinheiro  
Presidente da Banca/Orientadora – Universidade Federal do Piauí

Welbert Feitosa Pinheiro

Prof. Dr. Welbert Feitosa Pinheiro  
Universidade Federal do Piauí

Margareth Valdivino da Luz Carvalho

Profa Me Margareth Valdivino da Luz Carvalho  
Universidade Estadual do Piauí

**Resumo:** Os espaços narrativos, em essência, são agentes que transformam a vida dos personagens, transcendendo sua materialidade para se tornarem uma força viva, podendo influenciar as suas ações. A presente pesquisa analisa o espaço narrativo em *Beira-rio Beira-vida* de Francisco de Assis Almeida Brasil, publicada em 1965, e seu impacto na vida das personagens femininas. O espaço em destaque é o cais e os seus arredores. Buscou-se, especificamente, investigar as estratégias adotadas pelas personagens na superação das adversidades e, conseqüentemente, modelagem de suas experiências sociais e individuais e examinar o papel do espaço do cais como elemento narrativo determinante nas interações e papéis sociais das personagens. A complexidade das vivências e as dificuldades sociais e culturais emergem desse espaço multifacetado, que refletem as complexidades da vida das personagens e as dualidades presentes em suas lutas cotidianas. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma análise bibliográfica de caráter qualitativa e interpretativa fundamentada nos estudos de Candido (1976), Borges Filho (2007), Ricoeur (2014), Bachelard (1989), Cardoso (2001), Gancho (1991), Silva (2007), Aguiar e Silva (1982) e Todorov (2006). A pesquisa revelou que o espaço age como força determinante nas ações das personagens femininas, limitando suas possibilidades e reforçando um ciclo de exclusão e submissão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaços. Personagens. Beira-rio Beira-vida. Assis Brasil

## SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2- ASSIS BRASIL: O LEGADO MODERNISTA EM “BEIRA-RIO BEIRA-VIDA”</b> .....	8
<b>2.1- Espaços narrativos: uma análise teórica</b> .....	10
<b>2.2- Personagens narrativos: dinâmicas e complexidades</b> .....	13
<b>3-PERCORRENDO OS CAMINHOS DA ANÁLISE: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA</b> .....	16
<b>4- O ESPAÇO COMO FORÇA DETERMINANTE NAS EXPERIÊNCIAS DAS PERSONAGENS</b> .....	17
<b>4.1- O cais e a impossibilidade de escape</b> .....	18
<b>4.2- O espaço e sua relação com as personagens: o reflexo das divisões sociais e da exclusão</b> .....	21
<b>4.3- O cais como destino: a incontestabilidade do espaço e o ciclo de marginalização</b> .....	25
<b>4.3.1- Entre o ser e o parecer: utilização de máscaras como conformismo</b> .....	28
<b>5- O ESPAÇO COMO LEGADO: REFLEXÕES FINAIS</b> .....	32
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	33

## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como tema a análise do espaço narrativo e como esses espaços impactam a vida das personagens na obra, de Francisco de Assis Almeida Brasil (1929-2021). A literatura explora a complexidade das experiências individuais e coletivas, utilizando o espaço não apenas como cenário, mas como um elemento central na construção narrativa.

O presente trabalho tematiza, precisamente, a questão do espaço e sua ligação íntima com os acontecimentos na vida das personagens na obra *Beira-rio Beira-vida* de Assis Brasil, publicada no ano de 1965. Diante da perspectiva da toponálise referente à teoria de Borges Filho (2007), este estudo procura destacar como o espaço literário não é apenas um cenário estático, mas um elemento ativo que influencia e molda as vivências das personagens.

Dentre as abordagens possíveis para se pensar o espaço na literatura, a toponálise proposta por Borges Filho (2007) oferece uma perspectiva abrangente, ao considerar não apenas os aspectos psicológicos do espaço, mas também suas dimensões sociais, simbólicas, culturais e filosóficas. Esse olhar permite compreender o espaço não como mero pano de fundo, mas como estrutura ativa e multifacetada, que participa da construção das subjetividades das personagens e influencia diretamente suas trajetórias.

No caso de *Beira-rio Beira-vida*, o cais se torna um agente ativo no romance, desempenhando um papel importante na definição dos papéis sociais e nas trajetórias das personagens femininas. A relação entre o espaço e os seus impactos na vida das mulheres que ali vivem revela um processo de negociação constante entre o que é imposto socialmente e o que pode ser afirmado de maneira autônoma.

A relevância desta pesquisa reside em sua capacidade de iluminar as nuances da obra de Assis Brasil, colaborando para um entendimento mais profundo diante da interação entre espaço e a construção de experiências pessoais e coletivas das personagens na literatura modernista regionalista. Ao examinar como os espaços narrativos influenciam a construção das experiências e vivências das personagens, este trabalho buscou não apenas enriquecer a análise crítica da obra, mas também dialogar com questões contemporâneas.

O romancista Assis Brasil, em sua obra, exemplifica essa interação dinâmica entre espaço e seus impactos, convidando o leitor a uma reflexão sobre como o ambiente molda as vivências e as subjetividades das personagens. *Beira-rio Beira-vida* destaca-se por sua representação do cais como um espaço multifacetado, onde se entrelaça com experiências de marginalização e resistência das mulheres que ali habitam. Essas personagens carregam não apenas o peso da exclusão social, mas também o fardo de uma “sina” que parece acontecer.

O cais, um lugar de transição, revela-se como um universo das tensões sociais e culturais que transpõe a vida das personagens parnaíbanas. As personagens femininas, muitas vezes, são confrontadas com um espaço que não apenas limita suas possibilidades, mas também reflete as complexidades de suas vidas.

Nesse contexto, as máscaras que utilizam para dissimular suas realidades tornam-se símbolos da luta pela autonomia. Através dessas máscaras, Assis Brasil apresenta uma dualidade, que é uma construção social e uma expressão individual. Essas máscaras ocultam suas dores, suas identidades e seus desejos, transformando-as em figuras estereotipadas e anulando suas individualidades, ao mesmo tempo, que denunciam a opressão e os tabus que as cercam.

Dada a centralidade do espaço na obra, buscou-se responder o seguinte problema de pesquisa: como o espaço pode ser entendido não apenas como cenário, mas como um agente ativo que causa impactos na vida das personagens, em *Beira-rio Beira-vida*?

Para responder o problema, o objetivo geral eleito foi analisar os modos de construção do espaço na narrativa e sua contribuição na modelagem das vivências das personagens e as complexidades oriundas dessa interação. Especificamente, investigar as estratégias adotadas pelas personagens na superação das adversidades e, conseqüente, modelagem de suas experiências sociais e individuais; examinar o papel do espaço do cais como elemento narrativo determinante das interações e papéis sociais das personagens.

A metodologia deste estudo foi construída a partir de uma análise qualitativa e interpretativa, fundamentada nos arcabouços teóricos de Candido (1976), Borges Filho (2007), Ricoeur (2014), Bachelard (1989), Cardoso (2001), Gancho (1991), Silva (2007), Aguiar e Silva (1982) e Todorov (2006).

## 2. ASSIS BRASIL: O LEGADO MODERNISTA EM “BEIRA-RIO BEIRA-VIDA”

As obras que se consolidaram, principalmente, com o enraizamento das propostas modernistas no Brasil, caracterizam-se pela forte dedicação ao gênero romance e por uma narrativa de cunho social, destacando-se como retratistas das injustiças locais e regionais, com um olhar atento às vozes marginalizadas — incluindo os pobres, trabalhadores, mulheres e crianças.

Os romancistas modernistas procuraram incorporar em suas obras a complexidade das experiências humanas em um país em transformação. A produção literária desse período é reconhecida pelo comprometimento de sua escrita e pela construção de uma visão crítica das relações sociais, refletindo as lutas e as aspirações das classes menos favorecidas. Pois como se posiciona Souza (2018, p.13) “o autor do texto é inevitavelmente interpretado, pois não há textos sem os traços do autor, que, por sua vez, é marcado pelo mundo que o cerca, mundo esse que também é transformado por sua escrita”.

Nesse cenário de produções modernistas regionalistas, Francisco de Assis Almeida Brasil (romancista, contista, ensaísta, historiador literário, jornalista, professor, dicionarista, crítico literário, membro da Academia Piauiense de Letras e da Academia Parnaibana de Letras), nascido em 1929, em Parnaíba-PI — realizou uma produção literária que compõe a tetralogia piauiense, que é composta por *Beira-Rio Beira-Vida* (1965), *A Filha do Meio Quilo* (1966), *O Salto do Cavalo Cobridor* (1968) e *Pacamão* (1969), — obras que oferecem uma análise profunda da realidade piauiense e das relações humanas em meio aos desafios sociais e econômicos.

Nesse caso, *Beira-rio Beira-vida* contempla as espacialidades vivenciadas pelo autor Assis Brasil na sua cidade natal, Parnaíba, revelando suas particularidades sociais, como as desigualdades e estereótipos impostos pela sociedade urbana. Como afirma Fausto Cunha (2018, p.3 e 6) “*Beira-rio Beira-vida* causa um impacto pela sua qualidade. [...] seja, *Beira-rio Beira-vida* o único livro autêntico dentro dessas ordens de ideias. O diálogo direto, a linguagem alusiva, a miséria vista pelos miseráveis, e não pelos seus patonos intelectuais.”

Nessa perspectiva, percebe-se que Assis Brasil transforma a obra em um retrato social e político relevante, incentivando uma reflexão crítica sobre as condições que perpetuam a pobreza, como expresso no excerto: “[...] as prostitutas são prostitutas, os pobres são pobres, os ricos são ricos [...] quem quiser realizar-se, terá de fugir, terá de ir para fora [...]. O rio pertence aos ricos, às casas pertencem aos ricos, a religião pertence aos ricos” (Assis Brasil 2018, p. 6).

Diante disso, o autor utilizou elementos narrativos como os espaços, e as personagens, que desempenharam um papel crucial na construção e compreensão da trama. Cada um desses componentes contribui significativamente para dar vida à narrativa, proporcionando uma interpretação mais completa da leitura. A compreensão desses elementos permite não apenas uma apreciação da leitura, mas também uma análise mais crítica, capaz de revelar camadas de significados que formam o desenrolar da história.

### **2.1- Espaços narrativos: uma análise teórica**

Os espaços narrativos dentro da obra *Beira-rio Beira-vida* desenvolvem um papel fundamental para o desenvolvimento de toda a narrativa, proporcionando, além dos espaços físicos para as ações dos personagens, influencia também no tom, na identidade e no significado da própria narrativa.

Através dos espaços narrativos, os autores criam uma possibilidade de enriquecer as suas narrativas, estabelecendo atmosferas distintas, buscando temas simbólicos e personificando elementos na história. Gancho (1991, p. 22) afirma que “o espaço tem como funções principais situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens”.

Os espaços narrativos influenciam, seja direta ou indiretamente, o comportamento e as ações das personagens de várias maneiras. Como afirma Lima (2017, p. 193):

Os espaços representados pelo cais e pela cidade também representam críticas às mazelas e aos problemas sociais. A narrativa mostra um retrato insolúvel de uma comunidade sufocada pelo primitivismo capitalista, um mundo em que a sociedade se estratificou implacavelmente[...]

Sendo assim, os espaços em que as personagens habitam ou frequentam, revelam informações sobre suas personalidades, histórias de vida e relações sociais. Como afirma Borges Filho (2007, p. 34), “por analogia, pode-se afirmar que a armação do espaço na obra literária é igualmente importante para as ações da personagem e desempenha inúmeras funções dentro da narrativa”.

Dessa maneira, os espaços dentro da narrativa não são meros cenários onde os

eventos se desenrolam, mas sim, elementos vivos que exercem uma influência significativa sobre as experiências, emoções e identidade dos personagens que os habitam. Cardoso (2001, p. 40) defende que:

[...] o espaço não se restringe a uma localização identificável no mapa, pois, ao elemento físico, articula o social, com suas características, tais como tradições, usos, costumes, valores morais, artísticos e sentimentais, aspecto econômico e político articulados ao contexto histórico que os modificou e continua a modificá-los.

Os espaços são uma peça fundamental que moldam e influenciam todos os aspectos da história. De acordo com Borges (2007), a criação dos espaços no texto literário serve para vários propósitos, como metáforas, influenciando a vida dos personagens e seus atos, seja em questões de personalidades ou comportamentos.

Diante dessa perspectiva, podemos prever alguns acontecimentos, apenas pela presença dos espaços narrativos, pois “muitas vezes, mesmo antes de qualquer ação, é possível prever quais serão as atitudes da personagem, pois essas ações já foram indiciadas no espaço que a mesma ocupa”. (BORGES, 2007, p.1)

O espaço desempenha um papel essencial no desenvolvimento e desencadeamento dos eventos narrativos dentro de uma história, pois é a partir dos espaços que os personagens se constroem e, segundo Bachelard (1989, p.31) “o espaço chama à ação” e age como base fundamental no restante da narrativa.

Sendo assim, no romance *Beira-rio Beira-vida*, Souza (2018, p.16) afirma que “a forma como Assis Brasil representa homens e mulheres e o circular no espaço da cidade, as práticas de uma elite referente ao vestir-se e ao portar-se nos espaços é reveladora do universo social parnaibano”.

Aguiar e Silva (1982, p. 570) destaca os espaços e o caracteriza como espaço físico e social onde os eventos acontecem e se desenrolam e os personagens se interagem, sendo considerados espaços reais ou imaginários:

Um espaço físico e social que, ou marcadamente realista, ou predominantemente fantástico constitui o ubi em que se situam os agentes e em que se processa a sequência de eventos e os agentes uma relação funcional e semântica (ideológica, simbólica, mítica) necessária e, em muitos textos, extremamente relevante.

O espaço físico é aonde a história vai se desenrolar, seja em ambientes externos e internos habitados pelos personagens. Isso inclui não só espaços concretos, como casas, florestas ou cidades, mas espaços internos que transcende sua materialidade,

como sentimentos, emoções, conflitos internos e memórias. De acordo com Aguiar e Silva (1982, p. 709), “a topografia, em geral, representa nas suas conexões o espaço social e concebido como um fator que condiciona ou determina os estados e as ações das personagens”. Em relação ao espaço social, caracteriza-se de uma forma mais ampla, englobando fenômenos políticos, econômicos e sociais que moldam e influenciam a vida dos personagens no desenrolar da trama.

Essa perspectiva encontra respaldo na análise de Borges Filho (2007, P.33) que saliente sobre o estudo da topoanálise:

[...] a topoanálise, entendemos mais do que o 'estudo psicológico', pois a topoanálise abarca também todas as outras abordagens sobre o espaço. Assim, inferências sociológicas, filosóficas, estruturais, fazem parte de uma interpretação do espaço na obra literária. Ela também não se restringe à análise da vida íntima, mas abrange também a vida social e todas as relações do espaço com o personagem, seja no âmbito cultural ou no natural.

Dessa forma, a obra revela como o espaço não reflete apenas a interioridade dos personagens, mas também dialoga com suas condições sociais, culturais e naturais, configurando-se como elemento multifacetado e indispensável para a compreensão do romance.

Retomando ao espaço interior dos personagens, trataremos sobre o espaço psicológico, que é fluido, intangível e sujeito a mudanças no decorrer da narrativa, já que se trata de sentimentos e memórias de todos os personagens. Como afirma Brito (2016, p. 18), “o ponto importante em relação ao espaço, é que ele não deve ser visto mais apenas como elemento de composição do cenário, pois, dentro das obras estudadas, ele atua na formação das personalidades dos personagens ao longo das narrativas”. Como se configura na obra, *Beira-rio Beira-vida*, o espaço não é apenas o cenário onde as ações ocorrem, mas um fator determinante na construção das existências das personagens.

Pode-se pontuar que o espaço interior não é confiável, podendo gerar dúvidas e ambigüidades, pois, está em movimentos aleatórios de idas e vindas, nas quais, os sentimentos se deslocam e mudam o espaço com determinada frequência.

[...] o espaço não somente explicita o que é ou será a personagem. Muitas vezes, o espaço influencia a personagem a agir de determinada maneira [...] diferentes espaços engendram diferentes atitudes [...] outras vezes, não é o espaço que influencia a personagem, mas o contrário: a personagem transforma o espaço em que vive, transmitindo-lhe suas características. (BORGES FILHO, 2007, p. 37-39)

Dessa forma, o espaço é o palco em que o romance de Assis Brasil vai se desenrolar, e é a partir das percepções das personagens que ele ganha relevância e significado. As personagens não apenas habitam o espaço, mas interagem e reagem a ele a partir de suas experiências e sentimentos individuais, dessa maneira, a relação das personagens com o espaço é de essencial importância para a compreensão da narrativa.

Além disso, a relação entre as personagens e os espaços ultrapassa a mera localização física, mas está ligada, seja diretamente ou indiretamente, à busca de sentido por parte das personagens, e durante o desenrolar da narrativa as personagens estão em uma busca constante de compreender a si mesmas e o mundo a sua volta através dos espaços nas quais estão inseridas.

## **2.2 - Personagens narrativos: dinâmicas e complexidades**

O romance deve ser visto como um organismo vivo em que cada parte está interligada compondo um todo e para que aja um romance bem desenvolvido precisa necessariamente dos personagens, do narrador, do tema, do estilo, do tempo e outros elementos.

Diante disso, Todorov (2006, p. 82), afirma que “o romance é um ser vivo, uno e contínuo, como qualquer outro organismo, e notar-se-á, creio eu, que ele vive precisamente à medida que em cada uma de suas partes aparece qualquer coisa de todas as outras.” Os personagens são elementos essenciais para a construção e desenvolvimento da narrativa, tendo uma construção afetiva em que vai desenvolver uma arte que envolve vários aspectos, sejam eles sociais, psicológicos ou culturais.

No romance *Beira-rio Beira-vida*, os personagens funcionam como partes de um quebra-cabeça, com cada um desempenhando uma função na construção da narrativa e na exposição das complexidades sociais. Como afirma Candido (1976, p. 51), “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, o significado e os valores que o animam”. Dessa forma, as personagens não são meros instrumentos do enredo, mas refletem a visão de mundo do autor, trazendo à tona os valores e as tensões sociais como indiferença e preconceito que permeiam a trama.

A obra se configura como um retrato da vida à margem, sendo, conforme o anúncio na revista *O Cruzeiro* (1968), “um romance que é um espelho da vida apagada e vil da gente da beira do cais do Parnaíba, a vida como ela é, como a vivem os personagens”. O romance se apresenta não como uma visão idealizada ou moralizante, mas como um retrato da realidade das personagens.

Ainda diante da perspectiva do autor, ele afirma que o romance se baseia principalmente entre a relação da realidade e da vida cotidiana com o ser fictício, como a imaginação e a criação literária, no qual, ambos se relacionam e se influenciam. Lima (2017, p. 194) destaca que:

[...] em *Beira Rio Beira Vida*, mais do que experiências cotidianas dos personagens. Nota-se um envolvimento do autor com a respectiva obra, como se o escritor fosse um dos personagens. O espaço (cais) na obra possui um papel relevante para os personagens, tendo em vista que ele é responsável pela construção do cotidiano e dos sentimentos do lugar, além da alegria, angústia, sofrimento e sonhos.

As personagens são construídas por meio das observações do autor sobre o mundo real e de suas experiências humanas e são adaptadas diante da criação do autor.

Pode-se dizer que as personagens têm uma forma híbrida, na qual, reflete a realidade humana e fictícia. Conforme Candido (1976, p.52), “podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.”

As personagens, podem ter duas divisões: primeiramente, podem ter uma construção íntegra e de fácil delimitação, marcadas por um caráter definido e estável; esse tipo de construção é bem comum em obras clássicas, onde a clareza e compreensão dos leitores são valorizadas. Por outro lado, existem os personagens que podem ser seres complicados e confusos, nos quais, os traços característicos nunca se esgotam, pois estão em constante mudança e transformações. Esse tipo de personagem é bastante comum em obras literárias modernas, como a obra *Beira-rio Beira-vida*, onde a subjetividade e as complexidades humanas são exploradas e refletidas em seus personagens. Diante da visão de Candido (1976, p.57):

Uma tendência constante do romance de todos os tempos, acentuada no período mencionado, isto é, tratar as personagens de dois modos principais: 1) como seres íntegros e facilmente delimitáveis, marcados de uma vez por todas com certos traços que os caracterizam; 2) como seres complicados, que não se esgotam nos traços característicos, mas tem certos poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério.

A escolha desses dois tipos de personagens reflete tanto na preferência estilística, como nos contextos históricos e culturais de cada época. No século XIX, havia preferência pelos personagens delimitáveis que possuíam uma visão e identificação mais clara e suave, moralmente delineada dentro da realidade humana. No entanto, em se tratando do século XX, com o início do Modernismo, essa figura se tornou complicada, complexa e misteriosa, trazendo o reflexo e a exploração da sociedade moderna para dentro das obras literárias.

Nessa perspectiva, além dos personagens refletirem os comportamentos e sentimentos da sociedade real, eles refletem o caos da estrutura social. Como aborda Lima (2017, p. 194), “o Beira Rio é o espaço físico e psicológico do cotidiano social-econômico-cultural [...] é a principal porta de entrada e saída de riquezas da cidade, contudo, nele vê-se a miséria de uma população que tem como projeto de vida apenas a força do trabalho”.

A natureza de um personagem dentro de um romance é moldada e construída pelas intenções do autor e pelo desenrolar da obra. Quando o romancista quer refletir os costumes de uma época ou de uma sociedade, os personagens tendem a refletir a visão do autor sobre os ambientes e pessoas. Como afirma Candido (1976, p.69):

O que é possível dizer, para finalizar, é que a natureza da personagem depende em parte da concepção que preside o romance e das intenções do romancista. Quando, por exemplo, este está interessado em traçar um panorama de costumes, a personagem dependerá provavelmente mais da sua visão dos meios que conhece, e da observação de pessoas cujo comportamento lhe parece significativo.

Dessa forma, a natureza da personagem não reflete apenas a intenção do autor, mas sua visão e experiência de mundo, como também sua interpretação da sociedade e costumes daquela época. Ao criar as personagens como expressões autênticas do seu tempo, o autor permite que os leitores possam entender determinada cultura e sociedade em qualquer contexto histórico.

### 3. PERCORRENDO OS CAMINHOS DA ANÁLISE: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA

Trata-se de pesquisa de caráter qualitativo, que permite uma análise detalhada e interpretativa dos elementos narrativos na obra *Beira-rio Beira-vida* de Assis Brasil. Para Minayo (2014, p.57):

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.

A pesquisa foi organizada em três etapas: o levantamento bibliográfico, a análise textual e a discussão interpretativa. O levantamento bibliográfico compõe-se na seleção e leitura de livros, revistas, artigos acadêmicos e teses, que abordam a literatura de Assis Brasil, o contexto social, e as análises dos elementos narrativos como: os espaços e os personagens, que foram analisados individualmente.

Diante disso, os critérios dessa seleção priorizaram obras conhecidas e estudadas pela comunidade acadêmica, cobrindo um grande espaço de perspectivas teóricas e metodológicas. Pois como afirma Fonseca (2002, p. 32) sobre a pesquisa bibliográfica:

É realizada [...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

A análise dos dados identificou e examinou como os espaços podem impactar a vida e os comportamentos das personagens. Por fim, a discussão interpretativa integrou as descobertas da análise dos dados com as teorias e conceitos discutidos. Dessa forma, a pesquisa não apenas analisou os elementos literários, mas também promove uma reflexão crítica sobre como os ambientes podem ser decisivos para a construção das personagens, refletindo assim, na realidade vivenciada pelo autor Assis Brasil.

O corpus da pesquisa recaiu sobre a obra *Beira-rio Beira-vida*, escrita por Francisco de Assis Almeida Brasil e publicada em 1965. Essa obra foi escolhida devido a sua significância no contexto da literatura modernista e regionalista, bem como pela sua abordagem crítica da realidade social da época, na qual, retrata a vida de personagens que habitam o espaço do cais, abordando questões de preconceitos e limitações.

Para a análise, foram consideradas passagens significativas do romance que exemplificam a presença dos espaços e sua interação com as personagens, além de aspectos relacionados à representação da miséria, da desigualdade social e dissimulação da própria realidade. O foco da análise recaiu nas descrições e diálogos que revelam as dinâmicas sociais e emocionais das personagens, permitindo uma compreensão das experiências e complexidades vividas.

Para que houvesse essa análise foram abordadas idéias e conceitos de teóricos como Antônio Candido (1976), Assis Brasil (2018), Borges Filho (2007), Bachelard (1989), Cardoso (2001), Gancho (1991), Silva (2007), Aguiar e Silva (1982) e Todorov (2006). Entre outros que colaboraram grandemente para a realização da pesquisa.

#### **4. O ESPAÇO COMO FORÇA DETERMINANTE NAS EXPERIÊNCIAS DAS PERSONAGENS**

Nesse tópico, analisou-se a influência do espaço como uma força determinante na construção das personagens em *Beira-rio Beira-vida*, de Assis Brasil, com destaque para o papel simbólico e subjetivo do cais.

O cais foi compreendido não como uma estrutura inerte, mas como um espaço vívido, carregado de experiências, emoções e profundas redes sociais, uma vez que se configura como um universo de forças conflitantes, sendo ao mesmo tempo um refúgio e um palco de opressões. Foram consideradas as dimensões sociológicas, estruturais, culturais e psicológicas escritas na narrativa, como afirma Borges (2007), para a interpretação literária do espaço.

Assim, o cais foi analisado em suas múltiplas funções como: espaço de aprisionamento, evidenciando a impossibilidade de se escapar dele; espaço de marginalização, expondo como as mulheres do cais são marginalizadas e como lidam com a indiferença; e como um repositório de memória, onde o passado é condensado e imutável, dando continuidade a um ciclo de opressões.

Essa abordagem permitiu entender como o espaço se torna um agente ativo na vida das personagens, evidenciando como o cais impacta diretamente as vivências das personagens, revelando as complexidades de suas interações com o espaço físico, social e psicológico que as cercam e como as personagens lidam com a opressão e o preconceito.

#### 4.1 O cais e a impossibilidade de escape

Nesse primeiro momento, buscou-se entender como o espaço (cais e seus arredores), como elemento fundamental na obra, não se limita a ser um cenário simples, mas se torna um agente ativo na construção do romance.

Investigou-se como os espaços se entrelaçam com as personagens, influenciando suas ações, escolhas e trajetórias. Em particular, o cais, em *Beira-rio Beira-vida*, é descrito como um espaço de transição, marcado por tensões sociais e culturais, no qual, refletem as condições vividas pelas personagens.

Além disso, os espaços oferecem uma interação com os conflitos internos e externos das personagens, impactando direta e indiretamente as suas ações e suas visões a respeito do passado, presente e futuro.

As categorias de análises incluem a descrição do espaço como um limitador, mas ao mesmo tempo como um ambiente de resistências e afirmação, causando nas personagens um sentimento de aprisionamento e pertencimento. Um espaço que terá suas amarras, na qual, as personagens nunca escapariam delas “mesmo vinte anos ou quarenta, continuaria pelas tardes no cais [...]” (Assis Brasil, 2018, p. 18).

O romance, *Beira-rio Beira-vida*, apresenta Parnaíba como um cenário que se divide em dois mundos distintos: a cidade que representa o auge do progresso, um espaço que reflete os cuidados fornecidos pelas autoridades municipais, um espaço para os ricos comerciantes, a burguesia e o clero “o rio pertence aos ricos, às casas pertencem aos ricos, à religião pertencem aos ricos” (Assis Brasil, 2018, p.6); e o cais que é um território de exclusão social, onde a pobreza e marginalização se apresentam abertamente.

Um espaço em que as pessoas vivem à margem da sociedade, aonde o trabalho chega a ser desumano, e o comércio do corpo surge como algo necessário para a sobrevivência “entramos num processo de nivelamento por baixo, em que os de baixo serão ainda mais esmagados” (Assis Brasil, 2018, p.7).

A divisão desses dois espaços, o da riqueza e o da miséria, traz a presença da desigualdade social, que reflete o lugar de cada personagem dentro do romance. De acordo com Souza (2018, p. 36):

O eixo temático é a cidade e seu movimento de urbanização. Assis Brasil dota suas personagens de uma desconfiança natural em relação ao progresso da cidade. Nessa tensão constante, o cais, em oposição à cidade, surge como

lugar de resistência, onde, mesmo diante de todas as condições adversas, se luta para sobreviver.

Diante disso, o cais, na vida das personagens, não é apenas um mero cenário, mas o ponto de origem e significado de tudo, especialmente de suas existências. O cais se torna um espaço absoluto, o único local que define as suas experiências, “[...] tudo girava pelos mesmos pontos, pelas mesmas curvas. O cais, o cais.” (Assis Brasil, 2018, p.41). Esse sentimento de imersão no cais revela uma lacuna de suas vidas fora desse espaço, como se qualquer tentativa de ir além dele fosse infrutífera.

Assim, o espaço se torna a única referência possível, aprisionando as personagens em uma realidade sem mudanças, criando uma falsa sensação de pertencimento e significação “[...] Certeza de que só o cais realmente existia. E as coisas lhe aconteciam a partir dali e só tinha significado se começassem no cais” (Assis Brasil, 2018, p.41).

E diante desse sentimento de pertencimento se sentia íntima com o cais, que se entrelaça de maneira íntima com as trajetórias individuais, tornando-se um símbolo da continuidade que definem suas existências e o espaço que habitam “o cais lá estava o mesmo, retratado no mesmo barulho de todas as noites: a sineta de um navio-gaiola que partia, o grito de um barqueiro na escuridão do rio — a gargalhada das mulheres, a eternidade de suas vidas se repetindo” (Assis Brasil, 2018, p. 22).

Assim, o rio e o cais, em *Beira-rio Beira-vida* se tornam elementos importantes na vida das personagens, pois está impregnado nas suas experiências e existências cotidianas, configurando-se em algo familiar e reconfortante, um lugar que de fato, pertencia a elas. Como Lima (2017, p. 196) afirma: "O lugar é uma dessas construções, o que é fornecido na relação entre o cais e os personagens. Este lugar foi responsável pela formação psicológica, cultural e econômica de uma geração familiar formada por Cremilda, Luiza e Mundoca (avó, filha e neta, respectivamente)".

Para essas personagens o rio não é apenas algo físico, mas um reflexo da continuidade de suas vidas, marcada por um ciclo constante. Como afirma o trecho a seguir:

As tardes sempre paradas quando o rio baixava, sentava-se na beira do cais, a água no tornozelo, fria e suave, mais tarde a tocar a ponta dos dedos, até ficar a um palmo ou dois de distância, espumando, correndo. O rio enchia e secava, e ela nas pedras mornas — o barulho de tudo sem identificação precisa. (Assis Brasil, 2018, p. 162)

O cais, ao ser o núcleo das significações das personagens, funciona como uma espécie de prisão ao restringir as suas possíveis transformações, mas também como um refúgio, pois é o único ambiente no qual as personagens encontram sentido e pertencimento “correu para o cais, ultrapassou as pedras, ali haveria calma sempre no meio século de sua vida. As canoas velhas, para serem remendadas, redes de pescar estendidas, um apito distante, um grito – testemunhas monótonas. Nada mudaria” (Assis Brasil, 2018, p.26).

As personagens são constantemente lembradas pela sociedade à sua volta sobre suas origens e qual o seu lugar no mundo, pois o cais, sempre deixará uma marca simbólica e implacável. Como Luíza afirma a sua filha Mundoca “você ficaria sempre com a marca do cais” (Assis Brasil, 2018, p.60). As manchas deixadas pelo cais não são apenas físicas, mas também psicológicas e sociais.

Como aponta Bachelard (1989), em que o espaço atua não apenas como um cenário físico, mas também como um espaço psicológico que “convida à ação”, influenciando as atitudes e sentimentos das personagens. E assim, reafirma a exclusão e a marginalização das personagens: “o cais era para ‘aquela gente’, eles concluíram” (Assis Brasil, 2018, p.106).

A tentativa de fuga do cais é, muitas vezes, decepcionante, pois suas origens e a realidade social de onde provêm se impõem a qualquer tipo de escapatória, não importando quão distante tentem ir.

— Eles disseram que meu dinheiro não dá.

— Pra quê?

— Pra comprar uma casa aqui na cidade. Sei que é mentira, eles não querem é me vender. Um ainda disse: “Mesmo a senhora não pode se mudar pra cidade”. Foi o que um deles disse Luíza, e os outros acharam graça. (Assis Brasil, 2018, p. 48)

Ao relatar o acontecimento da sua mãe, Cremilda, Luíza prova que, mesmo tentando se inserir ou alterar suas situações, as personagens são constantemente lembradas de sua condição social. A resposta irônica “mesmo a senhora não pode se mudar pra cidade” reforça a visão de que elas são vistas como intrusas em um espaço que não é destinado a elas. O riso dos outros personagens diante do diálogo ressalta a naturalização da marginalização, mostrando como o sistema social reforça a idéia de que alguns estão destinados a viver à margem.

As personagens parecem estar aprisionadas em uma existência sem controle sobre seu próprio destino, como se o espaço do cais e as circunstâncias de suas vidas fossem forças imutáveis. E ao olhar para o horizonte, sentada ao cais, “às vezes não sabia ao certo o que esperava, por que esperava [...] esperava sentada no cais, com a paciência e a certeza de tantos anos.” (Assis Brasil, 2018, p. 41).

O ato de esperar de Luíza à beira do rio e a maneira passiva de se realizar sem um objetivo claro simbolizam a impotência e a falta de alternativas que as personagens enfrentam: “A certeza de tantos anos” reforça a percepção de que, apesar do desejo de mudança, o destino parece já traçado, e a espera no cais se torna uma metáfora para a estagnação de suas vidas. Assim, o cais não é apenas um lugar onde Luíza espera, mas um espaço que internaliza e perpetua sua condição de marginalização.

Diante disso, observamos que o espaço se faz presente no cotidiano de cada personagem central da trama, influenciando suas emoções, interações e experiências de vida. Lima (2017, p. 195) se posiciona ao afirmar que, “cada personagem busca, ao cais e ao rio, toda a circunstância sofrida em sua vida. O rio faz parte de suas vivências, cada personagem entra em detalhes sobre ele”. Sendo assim, o espaço transcende do físico para o espaço psicológico e social que constroem a vida de Cremilda, Luíza e Mundoca, que é marcada por angústias, preconceito, alegrias, limitações e sonhos.

Nesse sentido, o cais, se mostra como um gerenciador de transformações sociais e pessoais das personagens. O cais se potencializa como o espaço da cotidianidade, onde os conflitos sociais se cristalizam e onde o futuro de cada um é condicionado por essa rotina, que por mais simples que se apresente, contém em si aspectos essenciais para entender as transformações e exigências do seu mundo.

#### **4.2 O espaço e sua relação com as personagens: o reflexo das divisões sociais e da exclusão**

A interação das personagens com o espaço no qual estão inseridas, vai além de uma ocupação geográfica, ela é marcada por uma relação simbólica que reflete os processos sociais e pessoais de cada indivíduo.

O cais, como espaço central da narrativa, simboliza um lugar de exclusão, marginalização e indiferença, no qual, as personagens estão aprisionadas pela sociedade urbana e pelas suas próprias condições, onde suas existências são constantemente controladas pelas regras e visões da sociedade que as rejeita.

Dentro do romance existe uma forte relação entre o espaço e o preconceito e a desigualdade posta pela sociedade urbana. O cais é tratado como um espaço de exclusão e de preconceito social pela cidade e seus habitantes e assim, as personagens que ali vivem especialmente as mulheres que se ligam ao comércio do corpo, como Cremilda e Luíza, são tratadas como uma vergonha que desmoraliza a cidade e seu progresso. Como afirma Luíza em sua fala:

A cidade crescendo, já falava em pista de automóveis, em paralelepípedo – as casas de taipa não podiam ficar ali onde passariam novas ruas e avenidas – a polícia andava proibindo as mulheres de subirem nos gaiolas ou descerem nas barcas que chegavam. Tinha um guarda que até espancava – vão fazer vida noutro lugar, desavergonhadas, não respeitam as famílias direitas. Uma rua estava sendo ajeitada para elas, bem distante do cais e dos olhos hipócritas daquela gente, para que não causassem má impressão. (Assis Brasil, 2018, p. 143).

A indiferença social em relação ao cais e aos seus habitantes é notável, pois o espaço não só os exclui fisicamente, mas também os impede de serem vistos como seres humanos com direito a dignidade e igualdade.

Diante disso, a cidade é vista como um lugar de privilégio, onde as autoridades garantem à segurança, saúde e respeito para as classes mais altas que são representadas pelos ricos comerciantes, a burguesia e os membros do clero, que têm acesso às melhores condições de vida. Eles são os responsáveis por decidir onde o espaço será expandido e quais áreas deverão ser restauradas.

Enquanto isso a classe mais baixa, os pobres, são vistos como uma mancha de vergonha que precisa ser removida. Como afirma Luíza em seu diálogo com sua filha “— Lá na cidade tudo é mesquinho, só eles pensam que são gente, os pobres que agüentem, e se envergonham, baixam a cabeça e estiram a mão.” (Assis Brasil, 2018, p.58). Essa passagem destaca a estrutura imposta pela sociedade urbana, no qual, as prostitutas, moças pobres, canoieiros, barqueiros, têm o seu lugar e precisam se manter nele, sem que aja um espaço para mudança, ressaltando a idéia de marginalização e preconceito. Diante disso, Souza (2018, p.36) se posiciona:

[...] a trama se desenrola no movimentado cais de Parnaíba, espaço de trabalho e marginalização, pobreza material, de comércio do corpo, de exploração da mão de obra e de exclusão social. Apresenta-se o trânsito e o conflito dos personagens circulando no centro da cidade, espaço que recebeu os cuidados da administração municipal, onde moravam os que se beneficiaram com as exportações [...].

A sociedade presenciada dentro do romance é composta por essa classe alta que quer camuflar uma realidade da miséria e da prostituição vivenciada pelos moradores do cais, que é considerada uma falha estética e moral que comprometeria a imagem da cidade de Parnaíba, revelando o quanto a sociedade é superficial em relação aos problemas sociais que permeiam aquela região, no qual, querem apenas esconder essa miséria e não resolvê-la. Luíza fala para Mundoca o que as mulheres ricas da cidade falam sobre elas “[...] Precisamos criar a todo custo um preventório nesta cidade, uma casa para essas desvalidas. Temos que apagar essa mancha de Parnaíba o quanto antes, o que não comentaram os viajantes? Que não dirão de nossa sociedade?” (Assis Brasil, 2018, p.58).

Percebe-se uma sociedade que, se considera moralmente superior e em constante progresso, rejeita e marginaliza aqueles que não se encaixam nas suas normas e valores. As relações tensas entre os grupos sociais divergentes se manifestam principalmente na forma como a classe alta da cidade lida com a pobreza e a marginalização presente no cais, e assim não querem apenas apagar as pessoas marginalizadas, mas a mancha do próprio fracasso de uma sociedade que não sabe lidar com as desigualdades que ela mesma cria o fracasso em lidar com as desigualdades sociais que ela mantém.

A indiferença e a hipocrisia são evidentes na maneira como a sociedade se comporta em relação aos marginalizados, como se sua pobreza fosse um tormento que precisa ser escondido, e não um reflexo das falhas estruturais do sistema social. Luíza se revolta “vou dizer pra você uma coisa, Mundoca: já vi tanta gente se interessando pela miséria do cais que fico besta. Depois, nada. [...] O padre velho Gonçalo, esse nunca apareceu no cais que eu saiba. Fica lá nos batizados dos ricos, nos banquetes, nos casamentos.” (Assis Brasil, 2018, p. 59).

Essas falhas estruturais são claramente perceptíveis na maneira como a cidade de Parnaíba se organiza, com um afastamento entre os espaços dos ricos e dos pobres, e na forma como a sociedade lida com as condições de vida dos marginalizados. Percebe-se nessa fala, que a miséria do cais é algo momentâneo e que logo é esquecido pela sociedade, sem qualquer esforço de mudança ou intervenção, apropriando-se da utilização de máscaras para manter as aparências de moralidade e abandonando os mais necessitados. Como afirma Brito (2016, p. 84):

[...] o espaço do cais em Beira Rio Beira vida, de Assis Brasil. É um lugar à margem da vida social da cidade, cuja localização demonstra: quanto mais ao centro, mais abastada e tradicional é a família e, ao contrário, quanto mais distante, mais marginalizada. Assim, as vidas de Cremilda, Luíza e Mundoca são marcadas não só pela marginalização social, mas pela inferiorização do espaço, que se situa na periferia da cidade, reduzindo-as a sujeitos ignorados pela comunidade. E quando tentam romper essa dificuldade acabam sendo coagidas a voltarem para o único espaço onde pessoas pobres têm lugar [...]

Diante da exclusão social, os personagens de *Beira-rio Beira-vida*, começam a perceber que o cais é o único lugar onde realmente pertencem, desenvolvendo assim, uma sensação de refúgio.

A relação com o cais se torna uma construção de suas vidas, que é ao mesmo tempo externo e interno, as personagens se identificam com o cais porque esse espaço reflete suas experiências e suas lutas.

Essa sensação reflete a resignação das personagens, que ao não encontrarem espaços na cidade, aceitam o espaço da marginalização como o único espaço possível para sua existência. Luíza se lamenta em seus pensamentos “os mesmos atos, palavras — Uma submissão completa. Assim, assim, nada mudava, todos sabiam e aceitavam, a vida era aquela, botar os passos no rumo e pronto. Eles nasceram na cidade para dar esmolas, elas nasceram no cais para receber.” (Assis Brasil, 2018, p.64).

Esse espaço é visto pelas personagens como o único lugar para sua existência, na qual, a exclusão é internalizada, como se fosse uma verdade inquestionável. Assim, o cais, mesmo com suas limitações, era o único lugar que aquelas pessoas eram aceitas e, assim, tornou-se parte daquele espaço de aprisionamento, uma vez, que a sociedade não lhes dera outra alternativa como afirma a personagem Luíza: “ — A gente se conformar com o pouco que tem, com o pouco que consegue.” (Assis Brasil, 2018, p.95).

A vida no cais, se torna marcada por uma convivência contínua com o sofrimento e uma adaptação a um espaço de miséria, em que, as personagens são construídas pela falta de opções e pela falta de transformação.

Sendo assim, Cremilda e Luíza se vêem à mercê das situações que as rodeiam como a pobreza, marginalização e exclusão social que as aprisionam, limitando suas opções e possibilidades de ação. Sendo forçadas a fazerem escolhas que não são fruto de liberdade, mas de uma luta pela sobrevivência, como a venda do seu próprio corpo “queria fazer dinheiro, sim, e encontrara um ramo de negócio sem nunca haver pensado nele, talvez o único a seu alcance.” (Assis Brasil, 2018, p.137).

Luíza ao citar isso, mostra que mesmo desejando uma vida melhor, é impedida pelo espaço que está inserida e pelas normas postas pela sociedade, e assim ver-se destinada a negociar o seu próprio corpo para suprir suas necessidades, sem ter uma verdadeira liberdade de escolha.

Essas mulheres, mesmo que tentem se afastar dessa vida de miséria e prostituição são constantemente puxadas de volta para a sua realidade, como se estivessem presas a um ciclo impossível de romper. O cais aparece como um ponto de origem que, independentemente das tentativas de mudanças, continua a puxá-las de volta, como algo já pré-estabelecido. Como se vê na fala da personagem Cremilda, no fragmento abaixo:

Sabia que aquele negócio nunca daria certo. Quem já viu uma mulher do cais feito industrial? [...] A gargalhada da mãe, a sua ironia — “mas de que adiantou tamanho sacrifício se eu sei, sempre soube, que um dia ia perder tudo? Mas foi divertido — no começo foi ainda mais divertido, eu ganhava dinheiro, era uma mulher de negócio, cheguei até mesmo a esquecer quem era, quem um dia voltaria a ser”.

Embora, a personagem Cremilda tenha tentado romper com seu destino e buscar uma vida diferente e independente, sua fala mostra consciência de que suas raízes e sua posição social retornariam, de maneira inevitável, ao mesmo lugar de onde tentara sair. Isso mostra que mesmo que uma personagem queira se distanciar de suas origens, o espaço mesmo com suas limitações e marcas define quem a personagem é e no que ela pode se tornar.

#### **4.3 O cais como destino: a incontestabilidade do espaço e o ciclo de marginalização**

O espaço do cais, em *Beira-rio Beira-vida*, configura-se como um espaço transformador na vida das personagens que se internaliza profundamente, e nisso, vai passando de geração para geração esse sentimento de exclusão e pertencimento, do qual, não conseguem escapar, transformando-se em uma “sina” carregada por toda mulher do cais até a morte, sendo passada de mãe para filha como uma espécie de “dinastia do cais”.

Essas paredes, mesmo invisíveis, são indestrutíveis, e limitam qualquer tipo de fuga da condição posta para cada personagem, e, assim, o espaço se torna uma sina,

algo pré-estabelecido pelo destino para aqueles que habitam o cais, como se fossem condenados a viver na marginalidade, sem chance de escapatória. Como se vê na fala de Luíza: “Nunca conheci outra vida, tudo foi se ajeitando normalmente, acontecendo, acontecendo. Tudo parecia natural pra mim, não era de pensar muito.” (Assis Brasil, 2018, p.40)

Esse conceito de "sina" que persegue as mulheres do cais iniciou-se com um evento trágico envolvendo uma das mais ricas e belas prostitutas de Parnaíba, como afirma no relato de Luíza “era a mulher mais bonita do cais, tinha casa própria, muitos vestidos e muitos admiradores” (Assis Brasil, 2018, p. 64). Ao engravidar de um rapaz rico da cidade foi injustamente acusada da morte do mesmo, sendo presa e, diante do sofrimento, enlouqueceu.

Como é abordado no fragmento a seguir: “na cadeia, toda noite, quando a cidade já estava dormindo, ela gritava e chorava, e maldizia a sua vida” (Assis Brasil, 2018, p. 65). Durante toda a gravidez amaldiçoou a filha afirmando que ela era culpada pela tragédia de sua vida, como relata o romance “[...] E quando a filha nasceu [...] Passou a maldizer o futuro da menina, que ela era culpada, haveria de penar, penar e pegaria barriga de marinheiro, e teria uma filha que pegaria barriga de marinheiro [...]” (Assis Brasil, 2018, p. 66).

Nesse momento, marca o início da “sina” que não diz respeito apenas a mulher que amaldiçoou a filha, mas toda a sua geração, como Cremilda e Luíza, uma vez que suas vidas estão afundadas em um ciclo de sofrimento e marginalização. Essa sina do cais, portanto, é denominada como um destino pré-estabelecido, em que, as mulheres nascem, crescem e se tornam reféns de um futuro decidido pelas suas antepassadas.

Diante disso, esta sina é uma construção social que molda as vivências das mulheres no cais, tornando-as prisioneiras de uma realidade impossível de escapar, uma realidade de sofrimento e angústia, que vai muito além de uma condição, mas sim um legado, como se fosse parte da sua essência, Luíza se posiciona ao dizer “A mãe não podia compreender, apenas aceitava a sina, o fato como o complemento de seu destino desgraçado” (Assis Brasil, 2018, p.67).

Nesse contexto, a sina é colocada como algo já pré-destinado a seguir desde o nascimento, como se fosse uma herança de sofrimento. A "sina" faz parte do destino da mãe e conseqüentemente da filha, assim, revelando como o espaço do cais molda, limita e subjuga as personagens, criando uma prisão social e emocional que parece impossível de ser rompida.

Essa noção de destino é demonstrada não apenas pelas palavras de Luíza, mas também pelo seu próprio início de jornada na vida marginalizada, como quando ela vivencia a sua primeira menstruação, um marco de transição para a vida adulta, mas também de sua inserção no ciclo de exploração do cais.

— Minha calça está suja de sangue

— É assim mesmo, toda mulher tem isso, você agora já é uma mulher.

Juro, Mundoca, que pensei que só mulher da iguala de minha mãe tinha aquilo, que era como uma sina ou um castigo, uma espécie de marca. E eu fora atingida, minha vida seria igual à dela, quer quisesse ou não.

— Sossega, Luíza, é assim mesmo, você agora já pode ter homem. Foi o que ela disse, Mundoca: “você agora já pode ter homem. ( Assis Brasil, 2018, p. 49-50).

Percebendo a mudança no seu corpo, Luíza, sente o impacto do que está por vir, o seu sangue sendo uma marca da sua sina. Essa metamorfose de menina para mulher é percebida como uma transição para uma vida de exploração, como a de sua mãe, como a personagem mesmo afirma “e de repente me via suja como ela” (Assis Brasil, 2018, p. 49). A sensação de ser atingida pela sina a coloca em um ciclo de repetição, sem alternativa de rompimento, ressaltando a idéia de um legado irremediável.

Essa “sina” se torna, de fato, real e tangível à medida que Cremilda, mãe de Luíza, vai envelhecendo e Luíza vai substituindo a sua mãe e assumindo o seu posto, como é apontado na epígrafe do romance: “a rede de varanda bordada era dela agora, robe florido, o leque perfumado — nova rainha no trono” (Assis Brasil, 2018, p.15).

O envelhecimento de sua mãe e a subseqüente tomada de seu lugar simboliza a continuidade desse ciclo, onde Luíza é de certa forma, preparada para ocupar o mesmo destino, assumindo o papel de “nova rainha do trono” da prostituição, como um ritual de passagem que afirma o legado de submissão deixado por sua matriarca. E assim, a personagem Luíza afirma “— Eu cumpria a sina, Mundoca. [...] — a filha deixara as bonecas, estava pronta para ganhar dinheiro dos homens do rio.”

Como se vê na fala de Luíza, ao deitar-se com o seu primeiro “namorado”: “não precisou jogar na cara dela que todas as mulheres do cais eram a mesma coisa” (Assis Brasil, 2018, p. 151).

O cais, como espaço de opressão, vai moldando não apenas as vivências das personagens, mas também modifica a sua interação com o mundo ao seu redor, levando-as a internalizar sua dor e sofrimento.

Um exemplo disso é notado por Luíza ao presenciar o sofrimento da sua mãe Cremilda: “— A gargalhada, tanto no quarto, como no cais, era apenas um hábito, não demarcava sua vida. [...] No começo era uma gargalhada que estalava do íntimo, aflorava ao mundo, espontâneo, sim, mais já insegura [...] Depois era apenas uma gargalhada triste.” (Assis Brasil, 2018, p. 78).

Percebemos na narração de Luíza que a gargalhada deixou de ser uma expressão de alegria e passou a ser apenas um reflexo de sofrimento da vida de sua mãe, e essa mudança evidencia o impacto que o cais tem na vida das personagens, ele suga toda e qualquer alegria e sonho que há naquele lugar.

O cais tem a força de transformar a alegria em ódio, um ódio internalizado, como se o mundo ao seu redor fosse uma extensão de sua própria dor e desespero. É o que se confere na descrição de Luíza ao definir sua mãe, Cremilda, “[...] Ela odiava o arroz, o cais, os navios, os homens, o sol ou a chuva, ela odiava a filha e o mundo.” (Assis Brasil, 2018, p. 79). Como Borges (2007) se posiciona sobre o espaço literário, afirmando que ele é fundamental para entender as ações dos personagens e suas interações.

Assim, o fato de a mãe odiar até a própria filha, o reflexo do seu eu, está diretamente ligado à "sina" que atravessa as gerações. Ao gerar uma filha, a mãe sabe que, está condenando a menina a continuar a tradição da prostituição e da marginalização, seguindo o mesmo caminho que ela percorreu, onde o espaço, com todas as suas limitações, torna-se uma prisão tanto para o corpo quanto para a alma das personagens, como se contrasta através da fala da personagem Luíza: “minha mãe nunca me perdoou. A vingança foi ver minha vida repetindo a sua, toda noite, até o fim” (Assis Brasil, 2018, p. 32).

#### 4.3.1. **Entre o ser e o parecer: utilização de máscaras como conformismo**

Diante da falta de alternativas, as personagens se vêem obrigadas a aceitarem a sua realidade imposta, rendendo-se a um destino que parece impossível de escapar. No entanto, essa aceitação acontece por meio de uma adaptação superficial, como se as personagens utilizassem máscaras para se protegerem e se esconderem da desvalorização e do desprezo da figura masculina.

Uma dessas estratégias de adaptação é a adoção de frases e comportamentos que buscam contrariar a realidade amarga que vive. Um exemplo disso é a frase "marinheiro

d'água doce", que Cremilda ouve em algum momento e começa a repetir como uma forma evasiva ou como desculpa "ela ouvira a frase em algum lugar e repetia como uma evasiva ou desculpa [...]. Aprendeu que a frase era também uma defesa, uma espécie de credencial que a tornava igual às pessoas que pareciam saber tanta coisa que ela ainda desconhecia [...]" (Assis Brasil, 2018, p. 24).

Segundo Cornélio Penna (2018, p.15), "via máscaras, onde era necessário, premente, ver rostos.", mostra que esse ritual de dissimulação se torna uma estratégia essencial para Cremilda e Luíza, que precisavam representar "personagens" para sobreviverem em um ambiente que constantemente as desumaniza. No fragmento seguinte, no qual se destaca a performance de Cremilda, percebe-se como ocorria a adoção do seu outro eu "O espelho do guarda-roupa lhe puxava a testa para cima, ou o queixo de lado — a boca debruada ou os lábios apertados. Botava os dentes para fora, fazia caretas, a sua imagem tomava novas formas, "é o diabo que está dentro da gente". (Assis Brasil, 2018, p. 130).

E assim, Cremilda e Luíza, ao se olharem no espelho e se modificarem como descrito na passagem acima, cria uma imagem de si mesma que não revela o seu próprio eu, mas sim uma versão contrária, essa máscara permite que se escondam de sua própria miséria e humilhação. Esse processo de anulação do seu próprio eu, transforma as mulheres em estereótipos. Esse jogo de dissimulação permite que aceitem com mais facilidade os desgastes da vida nesse espaço.

O papel das máscaras tem um sentido duplo que: enquanto as personagens se utilizam delas para dissimular sua dor e sua marginalização, elas também servem para perpetuar a idéia de que a vida dessas mulheres do cais é realmente pré-destinada, como se fosse um ciclo indestrutível, alimentado por um "mito" de herança. O uso do sobrenatural para entender, explicar e tentar controlar o que, no fundo, é uma falta de alternativas e de possibilidades imposta pela a sociedade que as cercam.

No entanto, mesmo com essa dissimulação, ainda existia uma "hierarquia da miséria" em que os homens se sentiam superiores, não por questões sociais, mas pelo poder de consumo e exploração das mulheres que não eram mais vistas como seres humanos, mas como objetos disponíveis para o prazer. É o que se destaca a seguir por Luíza: "[...] — quanto tempo você está na vida? Desde que nasci, ora. Eles achavam graça, se sentiam superiores. Era bem isso: eles se sentiam superiores, porque simplesmente a usavam, ou viam que existia gente mais miserável na sua trilha." (Assis Brasil, 2018, p. 137).

Diante disso, o espaço se torna uma extensão de suas vidas e um reflexo das dificuldades sociais e econômicas. Ao se sentirem como parte desse espaço, as personagens vêem suas vidas sendo moldadas e definidas por ele, como se cada marca, pensamentos e sonhos representassem o caminho de volta para ele.

Eram inseparáveis e pertencentes um ao outro, como se destaca: “a pedra grande, aquela pedra qua-drada menor, tinha a marca de seu destino — era ali, um pouco próximo à esquina, um pouco distante do primeiro poste de luz, que o mapa de sua vida se fazia” (Assis Brasil, 2018, p. 41). Assim, cada parte do cais representa uma marca inquestionável de seu destino, que de alguma forma, define o que elas são e o que se pode esperar da vida.

E assim, configura-se o espaço como “mistério e porcaria”, uma cidade dividida, na qual, o cais e o rio desempenham um papel transformador na vida das personagens. O rio com a sua dualidade entre descobertas e sonhos que nunca passaram das margens, serve como um símbolo de uma realidade definida sem nenhum tipo de liberdade ou mudança, onde os que habitam são vistos como uma mancha a serem apagadas, completamente diferentes dos que desfrutam dos privilégios da cidade, como provado no fragmento: “o rio estava ali, mistério e porcaria. Para alguns era descobrimento, expectativas, navios partindo [...] Para outros, aquela era mais uma parte aborrecida da cidade, gentinha por toda parte [...]” (Assis Brasil, 2018, p. 106).

Ao longo da obra, percebe-se que o espaço do cais se torna não apenas o cenário de desenvolvimento do romance, mas o próprio coração da narrativa, sendo um reflexo das desigualdades estruturais que definem o destino das personagens e o limite das suas possibilidades. Como afirma Brito (2016, p. 96), “[...] Assis Brasil, constitui, está forte presença do espaço na condução das narrativas. Não serve apenas como instrumento de situacionalidade espacial dos personagens, mas como um agente condutor de subjetividades que atingem os personagens”.

Diante disso, esse espaço, jamais será superado, pois é através dele que a existência das personagens se define, e é nele que seus destinos são traçados, tornando-se uma presença constante na construção de suas vidas.

## **5. O ESPAÇO COMO LEGADO: REFLEXÕES FINAIS**

O espaço nas narrativas literárias desempenha um papel ímpar, que muitas vezes é subestimado pelas análises da crítica. Frequentemente considerado apenas como pano de fundo para o acontecimento da trama, o espaço ultrapassa essa ideia, sendo um elemento dinâmico que interage diretamente com os personagens, influenciando e determinando suas ações, emoções e trajetórias.

Essa lacuna na análise crítica despotencializa o espaço como uma construção simbólica que reflete relações sociais, culturais e psicológicas. Em romances como *Beira-rio Beira-vida*, o espaço vai além da geografia, ele se apresenta como um agente ativo que molda e transforma a vida das personagens, operando como uma metáfora reforçada pelas desigualdades sociais.

A partir de abordagens com a topoanálise de Borges Filho (2007), torna-se possível destacar o espaço como o coração do romance, ampliando seu reconhecimento no campo literário.

A análise possibilitou compreender como o espaço se torna um legado que impacta gerações, moldando não apenas o presente, mas o futuro das personagens. Assim, o cais se centraliza, operando como uma “sina”, um espaço que não apenas aprisiona, mas que reflete quem as personagens são e o que devem ser, perpetuando assim, um ciclo de marginalização vivida pelas mulheres que o habitam. O espaço transcende sua materialidade e se torna um marcador simbólico, onde as existências das personagens não apenas acontecem, mas são determinadas.

Na pesquisa analisou-se como o cais transcende sua função de cenário físico para um agente ativo na construção das vivências e subjetividades das personagens. O estudo revelou que o espaço, entendido como tangível e intangível, é central para compreender as dinâmicas sociais, culturais e psicológicas das mulheres marginalizadas da obra.

Os objetivos da pesquisa foram amplamente atendidos ao explorar o espaço do cais como a origem de todas as significações das personagens. Analisando como o cais opera tanto física como simbolicamente na vida das personagens. O papel do cais como um espaço de transição foi colocado em questão, demonstrando como ele simboliza a dualidade entre aprisionamento e pertencimento, ao mesmo tempo, em que reflete as tensões sociais do centro da cidade de Parnaíba.

Através da análise, compreenderam-se as estratégias das mulheres do cais para lidar com as adversidades, como pelo o uso metafórico de máscaras para as negociações

de suas identidades e a adaptação aos papéis sociais, foi possível compreender os comportamentos das mulheres marginalizadas diante dos estigmas e preconceito.

Metodologicamente, a pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico que permitiu abordar os objetivos específicos da pesquisa, possibilitando uma análise mais profunda da influência do espaço e de sua interação com as personagens, especialmente, no que tange à influência do espaço na construção das vivências e subjetividades das personagens

A pesquisa revelou que o espaço age como força determinante nas ações das personagens femininas, limitando suas possibilidades e reforçando um ciclo de exclusão e submissão. Além disso, o uso de máscaras foi identificado como uma estratégia de adaptação às opressões sociais, representando uma maneira de negociar suas identidades em um contexto de constante desumanização. Esses resultados reforçam a idéia de que o espaço em suas dimensões físicas, sociais e psicológicas, é o responsável por definir os limites e possibilidades das personagens dentro da obra.

Nessa perspectiva, os resultados vão além da narrativa, a pesquisa contribui para a compreensão de como os espaços de exclusão e marginalização na literatura refletem questões sociais contemporâneas. A investigação do caso permite uma reflexão crítica sobre como os espaços urbanos atuais também perpetuam ciclos de opressão e exclusão, ampliando a relevância do estudo para além da obra literária.

Para pesquisas futuras, indica-se uma investigação com outros autores e obras regionalistas, com ênfase nos espaços narrativos abordando questões sociais semelhantes. Além disso, seria interessante explorar a dualidade do tangível e intangível do espaço em obras literárias que centralizam a ambientalidade do urbano contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Francisco de Assis Almeida. **Beira-rio Beira-vida**. – 16ª. ed. Teresina: Livraria Nova Aliança Editora, 2018.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução: Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Tópicos, 1989.

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura: introdução à toponálise**. Franca: Ribeirão gráfica e editora, 2007. Disponível em:

<https://pdfcoffee.com/qdownload/borges-filho-oziris-espao-amp-literatura-introducao-a-topoanalise-pdf-free.html>

BRITO, Herasmo Braga de Oliveira. **A configuração do neorregionalismo literário brasileiro**. 2016. 179 f. Tese (doutorado em literatura) - Programa de Pós-graduação em estudos da linguagem. Universidade federal do Rio Grande do Norte. 2016. Disponível em:

<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/24493/1/HerasmoBragaDeOliveira Brito TESE.pdf>

CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 51-80.

CARDOSO, João Batista. **Teoria e prática de leitura, apreensão e produção de texto**. Brasília - São Paulo: Editora Universidade de Brasília - Imprensa Oficial de São Paulo, 2001. v. 1. 192p. Disponível em:

<https://oficioliterario.wordpress.com/wpcontent/uploads/elementos-da-narrativa-julie.pdf>

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1991.

LIMA, Tiago Caminha de. **O lugar geográfico em “Beira Rio Beira Vida”, de Assis Brasil**. 2017. 87 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Piauí, 2017. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/geoliterart/article/view/176848/178365>

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SOUZA, Priscila de Moura. **Assis Brasil entre a história e a ficção: transformações urbanas, sociabilidades de gênero e representações de Parnaíba nas décadas de 1930 e 1940**. 202 f. Dissertação. Programa de Pós-graduação em História do Brasil, UFPI, Teresina, 2018. Disponível em:

<file:///C:/Users/rjana/Downloads/PRISCILA%20DE%20MOURA%20SOUZA.pdf>

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. Coimbra, Almedina, 4ª ed., 1982.

**O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 14 set. 1968, p. 46. Disponível em:

<https://atom.arquivoestado.sp.gov.br/br-spapesp-hemapesp-s002-b000853-d000569>

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO ELETRÔNICA  
DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NA BASE DE DADOS DA  
BIBLIOTECA**

**1. Identificação do material bibliográfico:**

Monografia  TCC Artigo

Outro: \_\_\_\_\_

**2. Identificação do Trabalho Científico:**

Curso de Graduação: Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa

Centro: Campus Senador Helvídio Nunes de Barros

Autor(a): Janaína Rodrigues de Sousa

E-mail (opcional): rodriguesjanaina0204@gmail.com

Orientador (a): Cristiane Feitosa Pinheiro

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Membro da banca: Welbert Feitosa Pinheiro

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Membro da banca: Margareth Valdivino da Luz Carvalho

Instituição: Universidade Estadual do Piauí

Titulação obtida: Graduação

Datada defesa: 16/01/2025

Título do trabalho: ENTRE MARGENS E SUSSURROS: UMA ANÁLISE DOS ESPAÇOS  
NA OBRA “BEIRA-RIO BEIRA-VIDA”

### 3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total:[X]

Parcial: [ ]. Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: \_\_\_\_\_

.....

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Considerando a portaria nº 360, de 18 de maio de 2022 que dispõe em seu Art. 1º sobre a conversão do acervo acadêmico das instituições de educação superior - IES, pertencentes ao sistema federal de ensino, para o meio digital, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, na base dados da biblioteca, no formato especificado\* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: Picos – Piauí

Data: 14/07/2025

Assinatura do(a) autor(a): Janaína Rodrigues de Sousa